

Passes e impasses dos movimentos sociais

PEDRO PAULO V. A. AZEVEDO

Freud divisou que *"a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição instintiva original e auto subsistente"* e que em sua opinião *"é ela o maior impedimento à civilização"*.

Essa **disposição** instintiva colabora, portanto, com toda a **in-disposição** social que põe em xeque o convívio cordial e gera muitas vezes impasses. Impasses que nada mais são que as difíceis situações em que uma boa saída parece impossível.

Quais os meios que a cultura oferece então para inibir essa agressividade, torná-la inócua ou mesmo superá-la?

Uma das possibilidades conhecidas é internaliza-la, isto é, enviar de volta para o lugar de onde proveio, ou seja, para o próprio eu agressor de onde brotou.

Temos então, nos casos bem sucedidos, a "tomada de consciência" em que essa "consciência de responsabilidade" leva o indivíduo da agressão a perceber a injúria cometida e trabalhar para repará-la. Há um remorso e uma reparação. Em outros casos, não tão venturosos, se transforma num "sentimento de culpa" que se expressa por uma necessidade recorrente de punição. Em ambos os casos a car-

ruagem da civilização passa apesar dos agressivos latidos.

O outro lado da moeda complica a coisa. A fonte agressora renitente, convencida da legitimidade de seus sentimentos, persiste como um agente que obstrui e impede que haja o passe. Temos aí algumas variantes. Os cruéis conscientes assumem, aberta e prazerosamente, que estão dispostos a colocar até o último de seus centavos para impedir que a diligência do bem estar passe e chegue a seu destino. Mas como nem todos jogam no time da crueldade, os menos conscientes de seus impulsos agressivos, rejeitam-nos através de inúmeros mecanismos psicológicos de defesa. Ora não se dando conta mesmo da coisa, ora vendo fora o que na verdade está dentro, ora racionalizando com textos de razão onde através de uma nova cosmética transforma-se vício em virtude, mal em bem. Em meio ao que há de verdadeiramente arrazado capturados estamos nos desvios dessa mesma razão. Não é à toa que Hokheimer diz que o "melhor serviço que a razão pode prestar é questionar o que é razão".

Tanto a agressividade consciente dos cruéis como a das almas ignorantes, a despeito da visível diferença moral, causa seu dano do mesmo modo, pois como disse

muito bem o poeta Shelley *"pode-se fazer tanto mal por falta de compreensão como por crueldade"*.

Esses somos nós, animais humanos condenados a essa agressividade original e auto subsistente apesar dos protestos dos pios. Animais e inimigos potenciais da civilização, afinal hoje já dispomos dos meios necessários para nos exterminarmos uns aos outros até o último de nós. É verdade que dentro da fauna humana uns possuem, afortunadamente, níveis de resolução maior de seus lados obscuros, outros mais incapazes, mergulham nas trevas das suas próprias limitações causando deserviços ao meio. Outros ainda, definitivamente perdidos para os nobres interesses da cultura, fruem e tiram proveito do exercício da destrutividade.

O registro histórico é incontável. Como se matou ou se mata em nome de Deus, talvez mais do que em nome do diabo. O mártir maior do cristianismo não iria viver o bastante para assistir quantos de seus supostos seguidores viveriam do ódio separatista onde cristãos devoram cristãos dispensando os leões. Mahatma Ghandi que seria vítima de um incompreensível homicídio, também não viveria o bastante para ver seu país em intermináveis guerras civis.

mergulhado num mar de sangue. John Lennon ironicamente assassinado pelo o "amor" de um fã.

Ghandi iria afirmar que *"não há caminhos para a paz, a paz é o caminho"*. Difícil, não? Pois parece que os pacifistas falham justamente na consecução de seu principal objetivo, ou seja, conseguir paz. Talvez então não seja a paz o único caminho e teremos que admitir que a máxima *"se queres a paz prepara-te para a guerra"* tem o seu indiscutível lugar.

Parafraseando Ghandi diria: *"não há caminhos para a paz. Ou se caminha em paz ou não"*. Se não podemos ter a paz com um fim talvez nos reste cultivá-la como um meio e vive-la quando presente.

A psicanálise parece oferecer alguma luz sobre o tão comum fracasso dos pacifistas e dos falsos acordos de paz. Não caminha em paz só quem quer mas também quem pode. E, desafortunadamente, nem sempre podemos.

E quanto aos que não querem tal caminho? Bem, esses já se decidiram contrários ao bem estar na cultura e não irão ler meu artigo.

Passe ou impasse. Escolha, se puder, o cardápio.

Pedro Paulo é psicanalista e Presidente do Fórum de Ciências, Artes e Ofícios.